

- 2 NOV 1987

JORNAL DO BRASIL

No ermo de Brasília

Álvaro Valle

AS ideologias estão acabando em todo mundo, e a notícia não chegou a Brasília. Na Constituinte, ainda temos um plenário que vota ideologicamente, sem qualquer compromisso com a realidade.

Os radicais já não se esforçam mais por fazer com que o socialismo empolgue as massas. Não defendem e não discutem o seu modelo, que se exauriu em simples programas de estatização. Ao invés disso, os socialistas tratam de ganhar votações utilizando *slogans* e truques regimentais. Há dias, foi aprovada a total liberação da censura moral na televisão, e o comandante da vitória explicou seu silêncio nos debates: "Se eu falasse, alertaria a direita. Eles votaram sem saber." É assim que imaginam poder fazer a Constituição.

Na véspera, votava-se um inciso que dá à União exclusividade para autorizar passagem de forças estrangeiras em território nacional. Os que se imaginam nacionalistas apresentaram "patrioticamente" emenda que acrescentava: "sob comando brasileiro". Se, em um conflito, o Brasil comandar uma esquadrilha ou uma frota armada estrangeira, terá entrado na guerra. O inciso previa a hipótese da neutralidade brasileira, ou seria desnecessário. Os franceses ou alemães não assumem o comando dos aviões americanos que vão castigar o general Kadafi, nem os portugueses entram nos navios que vão para o Mediterrâneo. Podem comboiá-los, se quiserem. A emenda, que reprovaria um primeiranista de Direito Internacional, foi aprovada. Se isso valer, o próximo navio-escola que visitar o Brasil terá de ficar a 200 milhas, à espera de nosso comandante.

Não se pensa nas consequências da censura ou do comando nacional. As votações refletem preconceitos ideológicos. Assim, aprova-se que, tendo um filho, a mulher ganhará treze salários mas trabalhará pouco mais de seis meses. Isso soa como defesa da mulher, embora, concretamente, vá apenas desempregá-la. Promete-se uma estabilidade impossível, em nome da defesa do trabalhador. Mas a estabilidade não existe na pequena empresa porque há uma música que diz que ela deve ser defendida. Dança-se, ideologicamente, ao som dos *slogans*, da direita ou da esquerda, eis aí o maior problema da Constituinte.

Em todo o mundo, a cosmovisão ideológica cedeu lugar à busca de soluções concretas, desde a falência do modelo social-marxista. Descobriu-se que o Estado dominado por uma classe dirigente era o socialista e não o burguês. Que os operários, ao invés de se revoltarem ou se solidarizarem na revolução, querem empregos concretos para consumir de acordo com a gramática burguesa. A Revolução, aliás, nunca existiu. Onde o socialismo chegou ao poder, foi por golpes. E os golpistas comandavam soldados, e não proletários. Em suma, a realidade recusava-se a imitar as previsões. O Estado foi-se tornando ineficiente e distribuidor de miséria, não de igualdade social. Os modelos caíam como castelos de cartas.

Do outro lado, liberais clássicos (ainda existem) já não conseguem nem na Inglaterra de Thatcher convencer os pobres a morrer à espera da mão invisível, que, como uma fada, conduzirá toda a sociedade à bonança. A ideologia liberal clássica já havia saído de cena, em todo mundo, desde Keynes (cujo fantasma, aliás, ajudou há pouco a salvar a Bolsa de Nova Iorque). Aqui, também ela sobrevive.

Na nossa Constituinte, há alguns que votam tudo que parecer liberalismo de direita. Até o fim da Petrobrás, se puderem. E alguns mais numerosos, que darão seu voto ao que parecer nacionalista, popular ou socializante.

Enquanto isso, empresários externos, que não são ideólogos, levam seus dólares para outras terras, e, ao som de discursos, milhares de chefes de família perdem suas oportunidades de emprego. Empresas brasileiras chamam transportadoras para mudar-se para Portugal ou escondem seu dinheiro (em dólares ou marcos) embaixo do travesseiro, à espera de dias melhores. Mais desempregados. Os discursos ideológicos falam de soberania sem inflação, menos horas de trabalho, melhores salários e de uma Constituição moderna. Na realidade, a inflação aumenta e tornamo-nos mais dependentes e desatualizados.

Para sair do buraco, podemos acabar tendo de trabalhar mais, ganhando menos, e talvez falando pouco. Este pode ser o alto preço a ser pago pelos discursos que hoje ecoam dos ermos de Brasília.

Álvaro Valle, deputado federal (R.J.), é presidente nacional do PL